

Seqüências de (sibilante + consoante) no português de Belo Horizonte

Thaïs Cristófaró-Silva
Universidade Federal de Minas Gerais
KCL

Daniela Mara Lima Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais

Abstract

This paper investigates cases of sound variation involving sequences of (sibilant + consonant) in Brazilian Portuguese (BP). Emphasis is given to the analysis of alveolar (sibilant + stop) sequences as in the word – *festa* [ˈfɛstɐ] – and to the alveopalatal (sibilant + affricate) sequences – as in the word *triste* [ˈtɾiʃtʃi]. The cases of variation we will be dealing with involve the loss of the stop or the affricate where only the sibilant is manifested: *festa* ‘party’ [ˈfɛstɐ] à [ˈfɛsɐ] and *triste* ‘sad’ [ˈtɾiʃtʃi] → [ˈtɾiʃi]. This paper evaluates the role of phonetic properties as potential motivation for the variation: agreement of place of articulation and also agreement of voicing

for the consonants in the sequence is considered. The fact that the sequences involved in the variation are related to a complex syllable pattern – that is, (coda-onset) – will also be explored. Some structural aspects which may condition the phenomena will be addressed: stress placement and the quality of the vowel which precedes the (coda-onset) sequence. It will be suggested that the lack of conditioning structural factors leads us to evaluate this case of variation within the Lexical Diffusion model (WANG, 1969). Lexical Diffusion appears to be the most appropriate approach to analyse the phenomena addressed in this paper, since it accounts for the different behaviour of some structurally similar sequences. Finally, the paper indicates some aspects to be pursued in future research.

0. INTRODUÇÃO

Este trabalho explora casos de variação sonora em seqüências de (sibilante + consoante) no português brasileiro. A ênfase será dada às seqüências de (sibilante + oclusiva) alveolares – como na palavra *festa* [ˈfɛstɐ] – e às seqüências de (sibilante + africada) alveopalatais – como na palavra *triste* [ˈtristʃi]. A variação que pretendemos avaliar relaciona-se aos casos em que a consoante oclusiva ou africada é cancelada e somente uma sibilante ocorre: *festa* [ˈfɛstɐ] → [ˈfɛsɐ] e *triste* [ˈtristʃi] → [ˈtrisi]. Na primeira seção, apresentamos o problema a ser investigado, mostrando que o fenômeno ocorre também em outras línguas. Na segunda seção, avaliamos aspectos fonéticos dos segmentos envolvidos na expectativa de encontrarmos a motivação para tal fenômeno. Na terceira seção, investigamos o papel da estrutura silábica. Na quarta seção, consideramos em detalhes os casos de variação em que uma sibilante ocorre seguida da consoante africada, como em *ginástica*. Nesses casos podemos observar a variação em pelo menos três aspectos: a) uma sibilante alveolar é seguida da africada: [ʒiˈnastʃika], b) uma sibilante alveopalatal é seguida da africada: [ʒiˈnaʃtʃika] e c) uma sibilante alveopalatal ocorre e a africada é cancelada: [ʒiˈnaʃika]. Esses casos de variação serão avaliados em relação ao acento tônico e à vogal precedente. O papel de itens léxicos específicos também é considerado. Os dados são do português de Belo Horizonte, mas o fenômeno em questão foi observado também entre falantes de outras variedades do português brasileiro. Finalmente, indicam-se aspectos a serem abordados em pesquisas futuras.

1. AVALIAÇÃO DO PROBLEMA

Tem sido observado na literatura que pode ocorrer o cancelamento da oclusiva em uma seqüência de (sibilante+oclusiva) alveolares. Em (1) temos exemplos desse fenômeno. Os sons que estamos investigando aparecem em negrito e estão sublinhados nos exemplos que se seguem.

- (1) a. Checo (BARRY & ANDREEVA, 2001)
 de uma distância [vɛvzda:lɔsti] [fvɛzda:losi]
- b. Italiano (BARRY & ANDREEVA, 2001)
 dentista [dentista] [dentisa]
- c. Português brasileiro (CRISTÓFARO-SILVA, 2000)
 festa [fɛsta] [fɛsa]

Os dados em (1) demonstram que, quando uma sibilante alveolar desvozeada ocorre em posição posvocálica e é seguida por uma consoante oclusiva alveolar desvozeada, pode acontecer a simplificação e somente a sibilante ocorre. Ou seja, uma seqüência segmental do tipo [st] pode ocorrer como [s]. Nos exemplos apresentados em (1), temos formas alternantes, isto é, as duas formas ocorrem em competição nessas línguas. Contudo, em uma língua como o inglês, atestamos casos em que a redução de [st] para [s] ocorreu em algumas palavras e, atualmente, não há competição (ocorre somente a forma com a sibilante): *castle* [ka:sɫ] ou *listen* [lɪsn]. Isso implica que o fenômeno em questão pode ter um caráter alternante que, eventualmente, pode se tornar categórico. Por outro lado, seqüências segmentais do tipo [st] ocorrem no inglês atualmente, sem sofrerem a redução para apenas sibilante: *pasta* ‘macarrão’ [pæstə], *vest* ‘corpete’ [vɛst], *street* ‘rua’ [stri:t]. Note que a seqüência segmental em questão [st] comporta-se de maneira diferente em cada grupo de palavras. Nas palavras *castle* e *listen*, a seqüência [st] foi reduzida a [s] e, nas palavras *pasta*, *vest* e *street*, a seqüência [st] foi preservada. Podemos dizer que um determinado fenômeno pode afetar um grupo de palavras em um determinado

estágio (como as palavras *castle*, *listen*), mas não afetar um outro grupo (como as palavras *pasta*, *vest*, *street*). Nós retomaremos esse ponto ao final deste artigo, quando avaliamos o comportamento diferenciado de seqüências estruturalmente semelhantes.

Duas propostas podem ser sugeridas para explicar casos de variação e mudança sonora: neogramática e difusionista. A proposta neogramática assume que as mudanças sonoras são regulares, foneticamente graduais e lexicalmente abruptas. A proposta difusionista assume que as mudanças sonoras não são necessariamente regulares, são foneticamente abruptas e lexicalmente graduais. Este trabalho pretende investigar qual dessas propostas seria mais apropriada para explicar o fenômeno de redução das seqüências de (sibilante + oclusiva) alveolares e de (sibilante + africada) alveopalatais para somente sibilante.

O português de Belo Horizonte apresenta casos semelhantes aos ilustrados em (1). Alguns exemplos são ilustrados em (2) e os sons em questão encontram-se em **negrito e sublinhados**:

(2)	a. festa	['fɛstə]	['fɛsə]
	b. costas	['kɔstəs]	['kɔsəs]
	c. pasta	['pastə]	['pasə]
	d. agosto	[a' gostu]	[a' gosu]

Uma análise dos casos ilustrados em (2) – que envolvem uma seqüência de (sibilante + oclusiva) alveolares – é apresentada em Cristófaros-Silva (2000, 2001b). Um caso adicional apontado em Cristófaros-Silva (em preparação) relaciona-se às seqüências de (sibilante + africada) alveopalatais. Alguns exemplos são apresentados em (3) e os sons em questão encontram-se em **negrito e sublinhados**:

(3)	a. triste	['triʃtʃi]	['triʃi]
	b. vestido	[viʃ' tʃidu]	[vi' ʃidu]
	c. desde	['deʒdʒɪ]	['deʒɪ]
	d. jurisdição	[ʒuriʒdʒi' sãu]	[ʒurizi' sãu]

O fenômeno ilustrado em (3) expressa que, em seqüências de (sibilante + africada) alveopalatais, pode haver variação e somente

a sibilante ocorrer. Esse fenômeno é também observado em limite de palavras. Alguns exemplos são apresentados em (4).

- | | | | |
|-----|-------------------------|-----------------|---------------|
| (4) | a. meus t ios | [meʊʃ 'tʃius] | [meʊ 'ʃius] |
| | b. dois t ipos | ['doiʃ 'tʃipus] | [doi 'ʃipus] |
| | c. Juiz d e Fora | [ʒuiʒdʒi 'fore] | [ʒuiʒi 'fore] |
| | d. giz d e cera | [ʒiʒdʒi 'serə] | [ʒiʒi 'serə] |

Os casos ilustrados em (3,4) ocorrem somente em variedades do português brasileiro em que as oclusivas alveolares são palatalizadas e, neste caso, temos ['tʃia] e ['dʒia], enquanto em variedades que não apresentam a palatalização de oclusivas temos ['tia] e ['dia]. Os casos ilustrados em (3,4) devem, portanto, ser avaliados juntamente com o fenômeno de palatalização. Isso será feito posteriormente. Neste estágio gostaríamos de generalizar afirmando que, em seqüências de (sibilante + oclusiva) alveolares e (sibilante + africada) alveopalatais, pode haver variação e somente a sibilante ocorrer.

Como ocorre com freqüência em casos de variação e mudança sonora, podemos sugerir que a motivação para tal fenômeno seja a semelhança fonética: as consoantes sibilantes e obstruintes compartilham o mesmo ponto de articulação (alveolar ou alveopalatal) e o mesmo grau de vozeamento (vozeado ou desvozeado). Há diferença quanto ao grau e à natureza da estrutura das consoantes em seqüência: uma das consoantes é uma fricativa sibilante e a outra é uma oclusiva ou africada. As consoantes oclusivas e africadas podem ser agrupadas como consoantes obstruintes. Posteriormente, avaliaremos o comportamento das demais consoantes obstruintes do português quando seguidas de sibilantes.

Vale ressaltar ainda que o caso em questão envolve seqüências sonoras que ocorrem em uma estrutura silábica complexa, em que a sibilante aparece na posição posvocálica (de coda) e a oclusiva ou a africada ocorre no início da sílaba na posição de *onset*. Portanto, a complexidade silábica e a semelhança fonética podem ser vistas como fatores favorecedores para que ocorra o cancelamento de uma das consoantes.

Temos dois aspectos a serem investigados. O primeiro deles está relacionado ao comportamento de seqüências de (sibilante + consoante) de maneira geral no português. Pretendemos demonstrar que as seqüências (sibilante + oclusiva) alveolares e (sibilante + africada) alveopalatais comportam-se de maneira distinta de outras seqüências de (sibilante + consoante) em português. O segundo aspecto a ser investigado é a motivação para o fenômeno. Nas próximas páginas, exploraremos o papel desempenhado pela semelhança fonética e pela estrutura silábica. Finalmente, avaliaremos como esse fenômeno está sendo implementado lexicalmente.

2. A SEMELHANÇA FONÉTICA

Vimos na seção anterior que as seqüências de (sibilante + oclusiva) e (sibilante + africada) que são reduzidas a uma sibilante devem concordar quanto ao ponto de articulação e quanto ao grau de vozeamento. Essa observação nos leva a sugerir que há motivação fonética para o fenômeno. Os dois requisitos devem ser satisfeitos: concordância quanto ao ponto de articulação e quanto ao grau de vozeamento. Para corroborar essa hipótese, devemos investigar outras seqüências de (sibilante + consoante) em português. Os exemplos em (5) ilustram casos em que uma sibilante é seguida de uma consoante alveolar no português. Ou seja, as consoantes adjacentes concordam quanto ao ponto de articulação e quanto ao vozeamento.

(5)	asno	['aznu]	° ['azu]	['afnu]
	Islamismo	[izla 'mizmu]	*[iza 'mizmu]	[ifila 'mizmu]

Os asteriscos indicam que somente a ocorrência da sibilante não é possível nesses casos (3ª coluna). Contudo, alternativamente, pode ocorrer o enfraquecimento da sibilante e esta se manifestar como uma fricativa glotal. Esse fenômeno é indicado na coluna mais a direita em (5).

Observe que, nos casos de (5), temos a articulação alveolar das duas consoantes, e ocorre um fenômeno diferente dos fenômenos considerados em (2,3,4). No caso de (5), pode ocorrer o enfraquecimento

do s-posvocálico para [h] e, nos casos de (2,3,4), pode ocorrer o cancelamento da oclusiva ou africada em seqüências de (sibilante + oclusiva) alveolares e (sibilante + africada) alveopalatais. Se o cancelamento da oclusiva ou africada em (2,3,4) fosse motivado exclusivamente pela concordância quanto ao ponto de articulação e quanto ao vozeamento das consoantes envolvidas, esperaríamos que em outras seqüências de consoantes que compartilhem o mesmo ponto de articulação e vozeamento – como em (3,4) – o mesmo fenômeno ocorresse. Esse não é o caso. Podemos concluir que, além da semelhança quanto ao ponto de articulação e vozeamento, é essencial que tenhamos (sibilante + oclusiva) alveolares ou (sibilante + africada) alveopalatais. Os fatos apresentados em (2,3,4,5) mostram também que seqüências estruturalmente semelhantes, ou seja, (sibilante + consoante) podem ter comportamentos diferentes.

Considere os exemplos em (6) que ilustram as demais seqüências de (sibilante + consoante) no português.

(6)	a. áspera	['asperə]	° ['aserə]
	b. esbarro	[iz 'bahʉ]	° [i 'zahʉ]
	c. esfola	[is 'fɔ ə]	° [i 'sɔ ə]
	v. desvio	[dʒiz 'viʉ]	° [dʒi 'ziʉ]
	e. esguia	[iz 'gia]	° [i 'zia]
	f. fiasco	[fi 'askʉ]	° [fi 'asʉ]
	g. asma	['azmə]	° ['azə]
	h. Israel	[isha 'ɛw]	° [isa 'ɛw]

Os dados em (6) mostram que nesses casos não ocorre o cancelamento da consoante que segue a sibilante. Isso é indicado nas formas com asteriscos (coluna da direita). Quando ocorre variação nos exemplos de (6), temos o enfraquecimento da sibilante como uma fricativa glotal: *desvio* [dʒiz 'viʉ] alterna com [dʒifɪ 'viʉ]. Como foi mencionado anteriormente, os casos de enfraquecimento da sibilante em posição posvocálica merecem ainda uma investigação detalhada em português.

Uma outra observação interessante nos exemplos de (6) é que (6a-f) compreendem consoantes obstruintes. As consoantes

[t, d, tʃ, dʒ] também são consoantes obstruintes. Contudo, quando estas últimas consoantes são precedidas de sibilante, o comportamento é diferente dos casos de (sibilante + obstruinte) ilustrados em (6a-f). Em (6a-f) a sibilante permanece ou é enfraquecida para uma fricativa glotal: *desvio* [dʒiz 'viu] ou [dʒiɦ 'viu]. Nos casos em que uma sibilante é seguida de [t, d, tʃ, dʒ], a obstruinte é cancelada e a sibilante permanece: *festa* ['fɛstə] ou ['fɛsə] e *desde* ['dɛʒdʒɪ] ou ['dɛʒɪ]. Novamente, verificamos que seqüências estruturalmente semelhantes, ou seja, (sibilante + consoante) podem ter comportamentos diferentes (compare os dados:2,3,4,5,6).

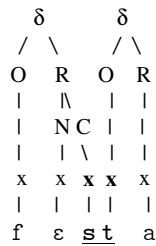
Como generalização, podemos afirmar que, em seqüências do tipo (sibilante + oclusiva) alveolares e (sibilante + africada) alveopalatais, a oclusiva e a africada podem ser reduzidas a uma sibilante. A natureza da estrutura também desempenha um papel importante. As consoantes em seqüência devem ser (sibilante + oclusiva) alveolares ou (sibilante + africada) alveopalatais, observando-se a concordância do lugar de articulação e do vozeamento.

Embora possamos postular que parâmetros fonéticos sejam motivadores para o fenômeno que estamos analisando, devemos observar que, de fato, ocorre o cancelamento de uma consoante (a obstruinte). Certamente, há semelhança fonética na seqüência a ser alterada – sibilante seguida de [t, d, tʃ, dʒ] – mas a semelhança fonética não pode sozinha ser o fator motivador para o cancelamento da consoante oclusiva. Vamos sugerir que a simplificação das seqüências de sibilante seguida de [t, d, tʃ, dʒ] para sibilante procede como decorrência da compressão e redução de esforço articulatorio (BROWMAN & GOLDSTEIN, 1992). Um fato importante que segue a hipótese de compressão e redução de esforço articulatorio é que estruturas silábicas complexas tendem a ser alteradas. Esta hipótese – de compressão e redução de esforço articulatorio em estruturas silábicas complexas – será considerada em detalhes em trabalho futuro (OLIVEIRA, em preparação). O papel da estrutura silábica no fenômeno que estamos investigando será considerado na seção seguinte.

3. A ESTRUTURA SILÁBICA

Esta seção considera o papel da estrutura silábica como fator motivador do fenômeno que estamos analisando. O padrão silábico CV (consoante seguida de vogal) é recorrente em todas as línguas naturais e é, portanto, visto como um padrão silábico universal e não-marcado. Línguas que apresentam um único padrão silábico têm a sílaba CV. Outros padrões silábicos ocorrem em algumas línguas e não em outras e podem existir relações tipológicas entre padrões silábicos: por exemplo, línguas que têm o padrão silábico CCV, como em *prato*, também têm o padrão silábico CVC, como em *larga*. O que nos interessa aqui é que o fenômeno investigado apresenta um padrão silábico marcado em que uma consoante posvocálica é seguida de outra consoante na sílaba seguinte. O diagrama que se segue ilustra a representação da palavra *festa* ['fɛstə] assumido pela Fonologia Autosegmental (GOLDSMITH, 1990).

(7)



Na representação (7), N se refere ao núcleo, O se refere ao onset, R se refere à rima e C se refere à coda. O símbolo δ se refere ao nódulo da sílaba. Um dos desenvolvimentos importantes da Fonologia Autosegmental foi o estabelecimento de uma relação formal entre um *onset* e a coda da sílaba precedente. Nesse contexto ocorrem vários fenômenos fonológicos em várias línguas. Exemplos são a assimilação sistemática de vozeamento ou a perda da consoante nasal em coda e a nasalização da vogal que a precede. Um outro fenômeno que ocorre entre (coda + *onset*) é o cancelamento da consoante em coda. Os exemplos em (8) ilustram casos do português brasileiro em que uma consoante em coda é cancelada:

- (8) a. Cancelamento de nasal em coda (MATTOSO CÂMARA, 1970)

campo ['kãpu]

anda ['ãdø]

- b. Cancelamento de 'r' em coda (OLIVEIRA, 1981)

porque [puh 'ke] [pu 'ke]

marcha ['mahʃø] ['maʃø]

Contudo, há casos em que a consoante em coda pode permanecer. Os casos em (9) ilustram essa possibilidade. Em (9a) a nasal em coda permanece e a oclusiva que a segue é cancelada. Em (9b) o 'r' em coda permanece e a oclusiva que o segue é cancelada.

- (9) a. Cancelamento do 'd' pós-nasal (MOLLICA, 1998)

comendo [ku 'mēdu] [ku 'mēnu]

rindo ['hīdu] ['hīnu]

- b. Cancelamento do 'g' precedido por R posvocálico (CRISTÓFARO-SILVA, 2000)

pergunta [pefi 'gūtø] [pe 'hūtø]

perguntei [pefi'gũ 'teɪ̃] [pehũ 'teɪ̃]

Generalizando, podemos afirmar que seqüências consonantais de (coda + *onset*) são estruturas instáveis e podem sofrer alterações. Como estratégia de simplificação de uma estrutura silábica marcada, ou seja, (coda + *onset*) tanto a consoante em coda quanto a consoante em *onset* podem ser canceladas. Para uma melhor compreensão do fenômeno estudado, sugerimos que o cancelamento de consoantes nesse tipo de estrutura silábica complexa, ou seja, (coda + *onset*) pode seguir os padrões silábicos recorrentes na língua em questão. Essa hipótese será investigada em trabalho futuro (OLIVEIRA, em preparação).

Como conclusão da investigação sobre a semelhança fonética e a estrutura silábica, podemos afirmar que esses dois fatores, possivelmente, favorecem e contribuem para a variação atestada nas seqüências sonoras que estamos investigando. Isto porque as seqüências sonoras em questão encontram-se em estruturas silábicas complexas e há semelhança fonética entre os segmentos envolvidos. A hipótese de compressão e redução do esforço articulatório em

estruturas silábicas complexas (BROWMAN & GOLDSTEIN, 1992) será investigada com o objetivo de fornecer uma explicação mais abrangente para o fenômeno em análise.

No restante deste artigo, avaliaremos, em maiores detalhes, os casos em que uma sibilante alveopalatal segue uma africada alveopalatal: *triste* [ˈtɾiʃtʃi]. Restringiremos a análise aos casos em que as duas consoantes são desvozeadas: [ʃtʃ]. Isto porque os casos de seqüências vozeadas do tipo [ʒdʒ] são pouco freqüentes no português (cf. nota 2). Considerando-se o número reduzido de palavras com seqüências do tipo [ʒdʒ], não poderíamos investigar a distribuição estrutural dessas seqüências em relação ao padrão acentual (se a seqüência ocorre em sílaba tônica ou átona) e nem quanto à vogal precedente. Na próxima seção, consideraremos as seqüências de (sibilante + africada) alveopalatais desvozeadas em português.

4. SEQÜÊNCIAS DE (SIBILANTE + AFRICADA) ALVEOPALATAIS

Nesta seção investigamos seqüências segmentais do tipo [ʃtʃ] que passam a se manifestar como [ʃ]. Restringimo-nos aos segmentos desvozeados por razões distribucionais (cf. nota 2). Faz-se pertinente, portanto, considerarmos a distribuição da consoante [ʃ] na estrutura silábica do português.

A sibilante alveopalatal [ʃ] ocorre em todas as variedades do português em posição inicial de sílaba (em início ou meio de palavra). Os exemplos em (10) ilustram estes casos:

(10) Distribuição das sibilantes alveopalatais em início de sílaba:

Vogais orais	a	chave
	ɛ	xeque
	e	chega
	i	faxina
	ɔ	choque
	o	cachorro
	u	chuva

Vogais nasais	ã	chance
	ē	enchente
	î	chimpanzé
	õ	rechonchudo
	ũ	chumbo
Ditongos	oɪ̯	choio
	eɥ̯	encheu
	ãɥ̯	chão

As sibilantes alveopalatais também ocorrem em final de sílaba no português brasileiro e nesse contexto marcam variação dialetal. Na variedade carioca, uma sibilante alveopalatal ocorre, sistematicamente, em final de sílaba. Na variedade paulista, as sibilantes alveolares ocorrem, sistematicamente, em final de sílaba. Já na variedade de Natal, as sibilantes alveopalatais ocorrem seguidas de consoantes alveolares. Finalmente, na variedade mineira de Belo Horizonte, ocorre a sibilante alveolar, exceto quando uma africada alveopalatal ocorre no início da sílaba seguinte. Estes fatos são ilustrados em (11).

(11) Sibilantes em final de sílaba

	Exemplo	Carioca	Paulista	Natal	Mineira
final de palavra	paz	['paʃ]	['pas]	['pas]	['pas]
	giz	['ʒiʃ]	['ʒis]	['ʒis]	['ʒis]
	após	[a 'pɔʃ]	[a 'pɔs]	[a 'pɔs]	[a 'pɔs]
	vezes	['vezɪʃ]	['vezɪs]	['vezɪs]	['vezɪs]
	cusuz	[kuʃ 'kuʃ]	[kus 'kus]	[kus 'kus]	[kus 'kus]
segundo C não alveolar	casca	['kaʃkə]	['kaskə]	['kaskə]	['kaskə]
	lesma	['lezmə]	['lezmə]	['lezmə]	['lezmə]
	vesga	['vezgə]	['vezgə]	['vezgə]	['vezgə]
	espera	[iʃ 'pɛrə]	[is 'pɛrə]	[is 'pɛrə]	[is 'pɛrə]
	esbarra	[iʒ 'baɾə]	[iz 'baɾə]	[iz 'baɾə]	[iz 'baɾə]

	Exemplo	Carioca	Paulista	Natal	Mineira
seguindo C alveolar	asno	['aʒnu]	['aznu]	['aʒnu]	['aznu]
	islamismo	[izlã 'mizmu]	[izlã 'mizmu]	[izlã 'mizmu]	[izlã 'mizmu]
	estudo	[iʃ 'tudu]	[is 'tudu]	[iʃ 'tudu]	[is 'tudu]
	festa	['fɛʃtə]	['festə]	['fɛʃtə]	['festə]
	isto	['iʃtu]	['istu]	['iʃtu]	['istu]
seguindo C alveopalatal	triste	['triʃtʃɪ]	['tristɪ]	['tristʃɪ]	['triʃtʃɪ]
	haste	['aʃtʃɪ]	['astɪ]	['astʃɪ]	['aʃtʃɪ]
	poste	['pɔʃtʃɪ]	['postɪ]	['postʃɪ]	['pɔʃtʃɪ]
	ginástica	[ʒi 'naʃtʃikə]	[ʒi 'nastikə]	[ʒi 'nastʃikə]	[ʒi 'naʃtʃikə]
	doméstica	[do 'mɛʃtʃikə]	[do 'mestikə]	[do 'mɛstʃikə]	[do 'mɛʃtʃikə]

Consideraremos em maiores detalhes os casos em que uma sibilante alveopalatal ocorre na variedade mineira de Belo Horizonte. Mais especificamente, investigaremos os casos em que seqüências do tipo [ʃtʃ] ocorrem. Considere o grupo de exemplos da última coluna (variedade mineira) para o último contexto listado na coluna mais a esquerda (seguindo consoante alveopalatal). Essas seqüências estão em competição com outras seqüências alternantes. Isto é ilustrado em (12) para a palavra “ginástica”.

(12) Formas alternantes da palavra *ginástica*

- a. [ʒi 'nastʃikə] seqüência de (sibilante alveolar + africada alveopalatal) e vogal [i]
- b. [ʒi 'naʃtʃikə] seqüência de (sibilante alveopalatal + africada alveopalatal) e vogal [i]
- c. [ʒi 'naʃikə] seqüência de (sibilante alveopalatal) e vogal [i]
- d. [ʒi 'naʃkə] seqüência de (sibilante alveopalatal + outra consoante)

O caso ilustrado em (12d) não será tratado neste artigo. Isto porque esse caso envolve o cancelamento da vogal [i] postônica e merece um tratamento separado, pois implica a criação de uma estrutura silábica complexa: (coda + *onset*). Em relação aos casos (12a-c), observamos que essas três seqüências em competição ocorrem independente de a seqüência ser seguida de sílaba tônica

ou átona. Considere as formas em (13) que são agrupadas quanto à ocorrência da seqüência em relação ao acento tônico. Os exemplos em (13) apresentam alternância entre: [stʃ], [ʃtʃ] e [ʃ].

(13) Distribuição de seqüências do tipo (sibilante + africada) em relação ao acento tônico

Pretônica	Tônica	Postônica	
		Postônica medial	Postônica final
esticadinha	vestido	plástico	triste
destilaria	estilo	ginástica	teste

Os exemplos em (13) mostram que a variação atestada em seqüências de (sibilante + africada) alveopalatais ocorre em sílaba tônica ou átona (pretônica e postônica). Podemos afirmar que não se aplica o condicionamento estrutural da tonicidade ao fenômeno. Ou seja, o fenômeno não parece ser condicionado pela posição da seqüência de (sibilante + africada) em relação à tonicidade. Podemos afirmar também que não há condicionamento estrutural quanto à vogal que precede essa seqüência. A consoante africada é sistematicamente seguida por [i] e não há restrição quanto à vogal que precede a sibilante posvocálica, como indicado nos exemplos que se seguem. Em (14) ilustramos casos em que qualquer uma das vogais orais do português precede a sibilante posvocálica.

(14) Vogal + [ʃtʃ]

a	ginástica
ɛ	veste
e	investigado
í	triste
o	poste
o	rostinho
u	rústico

Se não há condicionamento estrutural que regule a redução de (sibilante + africada) alveopalatal a uma sibilante, devemos buscar elementos adicionais para que possamos compreender melhor o

fenômeno. A nossa proposta é a de que esse fenômeno seja investigado na perspectiva da teoria da Difusão Lexical (WANG, 1969). Esse pretende ser o foco central de pesquisa futura (OLIVEIRA, em preparação). Dentro dessa abordagem, investigaremos como a variação está sendo implementada no léxico, ou seja, palavra por palavra. Como suporte adicional a essa proposta, consideraremos aspectos extralingüísticos como: idade, sexo, grau de instrução e estilo de fala. Pretendemos avaliar, ainda, o comportamento de falantes individualmente (OLIVEIRA, 1992).

A hipótese da Difusão Lexical nos parece pertinente por permitir expressar que as mudanças afetam palavras em um tempo determinado. Note que os pronomes ilustrados em (15) apresentam no português atual quase que categoricamente a forma em que somente a sibilante ocorre (sendo que a oclusiva ou a africada é cancelada). Esses pronomes são certamente muito freqüentes. A freqüência de ocorrência é possivelmente um fator que pode contribuir para a implementação de uma mudança. Contudo, o que neste momento nos interessa é que os itens em (15) se fundiram em apenas uma forma fonética em que somente a sibilante ocorre (originalmente estes exemplos tinham forma e significados diferentes).

(15) Palavras que fundiram forma e significado

a. este	esse	[¹ esɪ]
b. esta	essa	[¹ ɛsə]
c. isto	isso	[¹ isʊ]
d. neste	nesse	[¹ nesɪ]
e. nesta	nessa	[¹ nesə]
f. nisto	nisso	[¹ nisʊ]
g. deste	desse	[¹ desɪ]
h. desta	dessa	[¹ dəsə]
i. disto	disso	[¹ dʒisʊ]

Obviamente, as formas ilustradas em (15) podem apresentar a seqüência [st] em estilo formal, sobretudo em casos de leitura. Na fala coloquial e tipicamente em estilo informal, geralmente ocorre apenas

a forma com a sibilante [s], como nos exemplos ilustrados em (15). Poderíamos afirmar ainda que a grande maioria dos falantes não distingue diferentes significados para os pares: *este/esse*, *neste/nesse* etc.

Consideremos um aspecto interessante que se refere aos itens (15a,d,g): *este*, *neste*, *deste*. Note que, se tais itens tivessem sido submetidos à mudança no estágio atual, esperaríamos ter as seguintes realizações fonéticas: ['eʃɪ, 'neʃɪ, 'deʃɪ], respectivamente para *este*, *neste*, *deste*. Compare, por exemplo, o comportamento da palavra *leste*. Em alguns dialetos que não apresentam a palatalização de oclusivas alveolares, essa palavra é pronunciada como *leʃtʃe* (com seqüência de (sibilante + oclusiva alveolar)). Em dialetos que apresentam a palatalização de oclusivas alveolares, temos as pronúncias: *leʃtʃje*, *leʃtʃje* ou *leʃje* (cf. (12)). Na pronúncia *leʃtʃje*, a palatalização não afeta a sibilante em posição posvocálica. Na pronúncia *leʃtʃje*, a sibilante posvocálica é palatalizada e ocorre como [ʃ]. Finalmente, na pronúncia *leʃje*, a africada é cancelada e somente a sibilante ocorre.

Se compararmos o comportamento da palavra *leste* com o comportamento do pronome *este* (e também *neste*, *deste*), esperaríamos que *este* apresentasse as seguintes pronúncias: *eʃtʃje*, *eʃtʃje* e *eʃje*. De fato, em estilo formal ou de leitura, podemos atestar as formas *eʃtʃje* e *eʃtʃje*. Contudo, a forma esperada *eʃje* não ocorre e, de fato, temos a pronúncia *eʃje* para *este*. Observamos que formas estruturalmente semelhantes – *leste* e *este* – apresentam comportamentos diferentes quanto aos casos de variação em que somente a sibilante ocorre. A forma *leste* apresenta a pronúncia *leʃje* (mas não *leʃje*) e a forma *este* apresenta a pronúncia *eʃje* (mas não *eʃje*). A pronúncia diferente para seqüências estruturalmente semelhantes demonstra que o grupo de palavras em (15) deve ter sido afetado em um momento no qual a palatalização não era operante. Se a mudança estivesse relacionada ao processo de palatalização, deveríamos atestar formas que realmente não ocorrem no português contemporâneo (*eʃje*, *neʃje*, *deʃje*).

Por outro lado, em todos os dados em (15), observamos um comportamento análogo às seqüências de (sibilantes + oclusivas)

alveolares. Veja que, na palavra *feira*, que não se relaciona ao processo de palatalização de oclusivas alveolares, temos as pronúncias *fe[st]a* ou *fe[s]a*. Note que, tanto em *este* quanto em *feira*, uma (sibilante alveolar) ocorre: *fe[s]a*, *e[s]e*. Esse comportamento aparentemente inadequado pode ser facilmente capturado pela teoria da Difusão Lexical. Isto porque nesse modelo as mudanças sonoras são implementadas no léxico gradualmente. Sendo assim, a mudança sonora observada nos casos como os de (15) deve ter sido implementada numa fase diferente das palavras que têm a mesma mudança implementada neste momento (neste estágio temporal do português de Belo Horizonte, a mesma mudança seria o cancelamento da oclusiva ou africada em seqüências de (sibilante + oclusiva ou africada) sendo que somente a sibilante ocorre).

5. CONCLUSÃO

Este artigo teve por objetivo avaliar casos de variação sonora em seqüências de (sibilante + consoante) no português brasileiro. A ênfase foi dada às seqüências de (sibilante + oclusiva) alveolares – como na palavra *feira* [ˈfɛstɐ] – e às seqüências de (sibilante + africada) alveopalatais – como na palavra *triste* [ˈtɾiʃtɕi]. A variação que avaliamos relaciona-se aos casos em que a consoante oclusiva ou africada é cancelada e somente a sibilante ocorre: [ˈfɛsɐ] e [ˈtɾiʃi].

Vimos nas seções precedentes que a motivação fonética parece contribuir para a ocorrência do fenômeno em questão, pois as consoantes envolvidas devem ter o mesmo ponto de articulação e o mesmo grau de vozeamento. Há ainda a importância de a estrutura silábica ser complexa. A hipótese básica a ser investigada em um trabalho futuro é a de que a variação envolvendo (sibilante + oclusiva) alveolares e (sibilante + africada) alveopalatais opera devido a compressão e redução de esforço articulatório, sendo que estruturas silábicas complexas tendem a ser alteradas. Essa hipótese investigará a motivação dos casos de variação que estamos analisando.

O modelo da Difusão Lexical (WANG, 1969) permite expressar a falta de condicionamento estrutural do fenômeno. Ou seja, o fato de que nem o padrão acentual e nem a natureza da vogal que precede a seqüência segmental a ser alterada condicionam o fenômeno (cf. exemplos 13, 14). A proposta da Difusão Lexical permite ainda explicarmos o comportamento distinto de seqüências segmentais estruturalmente semelhantes (cf. 15). Em uma pesquisa futura, pretendemos explorar como o modelo da Difusão Lexical permite-nos explicar a implementação da mudança que estamos analisando.

A avaliação do fenômeno envolvendo seqüências de (sibilante + consoante) no português brasileiro contemporâneo apresentada neste trabalho oferece pistas iniciais de análise e indica caminhos propícios a serem explorados. Esperamos que uma visão mais completa do fenômeno possa ser oferecida. Este artigo indica aspectos a serem explorados em pesquisa futura com o objetivo de obtermos uma análise mais acurada do fenômeno em questão (OLIVEIRA, em preparação). Esperamos também que certos aspectos ainda não explorados na literatura sejam investigados. Dentre eles, destacamos os casos de aspiração de s-posvocálico (cf. (5,6)) e o comportamento de seqüências de (sibilantes + consoantes) em dialetos que não apresentam palatalização de oclusivas alveolares (ver nota 13). Seria relevante também investigar por que a consoante oclusiva ou africada é cancelada e não a sibilante. Vimos em (8,9) que tanto a consoante que ocorre na posição de coda, quanto a consoante que segue a posição de coda podem ser canceladas. Seria importante investigar parâmetros tipológicos em relação a qual das consoantes da seqüência (coda + *onset*) pode ser cancelada e idealmente definir as condições que favorecem ou bloqueiam o cancelamento da consoante em questão.

NOTAS

¹ Os dados são do projeto intitulado “Difusão lexical: estudo de casos do português brasileiro” (CNPq: 20.2424-86.3 e 301029-89.0).

² Seqüências de (sibilante + oclusiva) vozeadas [zd] e [ʒdʒ] são pouco freqüentes no português. Em uma pesquisa ao Dicionário Michaelis www.uol.com.br/michaelis/, verificamos que ocorrem somente 22 palavras com a seqüência sonora [zdʒ] e [ʒdʒ], em uma listagem de aproximadamente 200 mil palavras. Já as seqüências [stʃ] e [ʃtʃ] aparecem em 2.453 palavras (dentre 200 mil). Neste artigo, restringimos a análise a estes últimos casos.

³ As consoantes obstruintes compreendem as categorias de oclusivas, fricativas e africadas.

⁴ O fenômeno de enfraquecimento da sibilante em coda é verificado no português (cf. GRYNER & MACEDO, 1981; PESSOA, 1986; RONCARATI, 1988; SCHERRE & MACEDO, 1989 *apud* AULLER, 1992) e em espanhol (BYBEE, 2001). Esse tópico ainda merece uma discussão mais exaustiva no português brasileiro.

⁵ O caso de (7a) ocorre sistematicamente nas formas de gerúndio, mas pode ser observada também em outras categorias como advérbios e substantivos (MOLLICA, 1998; CRISTÓFARO-SILVA, 2000). O caso de (7b) parece ser lexicalizado. Ou seja, [g] é cancelado em *pergunta*, *perguntado*, *perguntei* etc., mas não em outras palavras com seqüências sonoras semelhantes: *argumento*, *erguer*; etc. Este caso merece ainda uma descrição mais detalhada.

⁶ Sem entrarmos em detalhes, o que argumentamos aqui é que uma palavra como *pergunta* e semelhantes ocorre como [pehũtə] porque a seqüência sonora [ehũ] é mais recorrente do que [eɦgũ]. Por outro lado, em palavras como *argumento*, *erguer*, etc., a seqüência [ahũ] e [ehel] é menos recorrente do que [aɦgu] e [eɦge].

⁷ A indicação das variedades dialetais tem caráter de agrupar variedades com os traços descritos: distribuição das sibilantes posvocálicas. Na variedade paulista, nos referimos às comunidades que não apresentam a propriedade de palatalização de oclusivas alveolares.

⁸ Excluimos as vogais nasais e ditongos dos exemplos em (14) por serem menos recorrentes em português do que as vogais orais. Contudo, note que há exemplos que ilustram a ocorrência de vogais nasais seguidas da seqüência [ʃtʃ]: ‘in[ʃtʃ]lituição’ ou ‘con[ʃtʃ]lituição’. Ditongos decrescentes raramente ocorrem seguidos da seqüência [ʃtʃ]. Tipicamente, há restrições quanto à ocorrência de ditongos decrescentes seguidos de consoantes posvocálicas, como em *cáustica*, *exaustivo*, etc.

⁹ No *corpus* do projeto “Difusão Lexical: estudo de casos do português brasileiro” que conta com 47.883 palavras, na fala espontânea, foram constatadas apenas cinco ocorrências do pronome *isto* e uma ocorrência do pronome *disto*. Essas formas foram pronunciadas por membros da mesma família. Os demais pronomes demonstrativos apareceram apenas com a forma em que somente a sibilante alveolar [s] ocorre.

¹⁰ Seria interessante avaliar se em dialetos que não-palatalizam as oclusivas alveolares a pronúncia *lɛs|e* ocorre. Não possuímos dados neste estágio da pesquisa quanto a essa pronúncia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULLER, M. A difusão lexical de um fenômeno de aspiração no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, ano 1, 1992.

BARRY, W.; ANDREVA, B. Cross-languages similarities and differences in spontaneous speech patterns. *Journal of the International Phonetic Association*, v. 31, n.1, p. 51-66. CUP, 2001.

BROWMAN, C.; GOLDSTEIN, L. Articulatory Phonology: An overview. *Phonetica* 49, p.155-180, 1992.

BYBEE, J. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: Philadelphia, PA: John Bejamins Publish, 2001.

CRISTÓFARO-SILVA, T. Sobre a Quebra de Encontros Consonantais no Português Brasileiro. *Estudos Lingüísticos*. São Paulo, v. 29, p 522-527, 2000.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português*: roteiro de estudos e guia de exercícios. São Paulo: Contexto. 2001a.

CRISTÓFARO-SILVA, T. Difusão Lexical: Estudo de casos do português brasileiro. In: MENDES, E. A. de M., OLIVEIRA, P. M.; BENN-IBLER, V. (Org.). *O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias*. Belo Horizonte: UFMG/FALE. p. 209-218, 2001b.

CRISTÓFARO-SILVA, T. Difusão lexical: estudo de casos do português brasileiro. Relatório final de Pesquisa. (em preparação).

GOLDSMITH, J. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Basil & Blackwell, 1990.

GRYNER, H.; MACEDO, A. La prononciation du s post-vocalique deux processus de changement linguistique en portugais. In: *Variation omnibus*. Canada, Linguistique Research, p. 135-140, 1981.

- MATTOSO CÂMARA JR., J. *Estrutura da língua portuguesa*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1970.
- MICHAELIS - Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Edições Melhoramentos. Disponível em: www.uol.com.br/michaelis/, 2002.
- MOLLICA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- OLIVEIRA, M. A. Reanálise de um problema de variação. In: *Português: Estudos lingüísticos*, Série Estudos, v.7, FISTA, 23-51, 1981.
- OLIVEIRA, M. A. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, p. 31-41, 1992.
- OLIVEIRA, M. A. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 6, n. 2, 1999.
- OLIVEIRA, Daniela Mara Lima. Seqüências de (sibilante +africada alveopalatal) no português de Belo Horizonte. Projeto de mestrado (em preparação).
- PESSOA, M. A. F. C. Um processo de enfraquecimento na fonologia do português. Monografia apresentada no curso de Doutorado em Lingüística da Faculdade de Letras da UFRJ, 1986.
- RONCARATI, C. N. S. Enfraquecimento das fricativas sonoras. In: Relatório final à FINEP – Projeto Dialetos Sociais Cearenses. Fortaleza Universidade Federal do Ceará. Convênio FINEP; CCPC 41.85.0655.00, 1988.
- SCHERRE, M. M. P.; MACEDO, A. T. Variação e mudança: o caso da pronúncia do S-posvocálico. In: Relatório final à FINEP – Projeto: Mecanismos Funcionais do uso Lingüístico. Rio de Janeiro. UFRJ. Convênio FINEP-UFRJ, 1989.
- WANG, W. S-Y. Competing changes as a cause of residue. *Language*, n. 45, 1969.